

## Aviso de Defesa

Observados os dispositivos da Resolução 07/2000 – CSPP - UFJF, será defendida no dia 20/03/2014, às 14:30 horas, na Sala de defesas do Centro de Pesquisas em Humanidades (CPH) da Universidade Federal de Juiz de Fora, a dissertação intitulada: **“A minha vida é como se me batessem com ela’: a escrita e a(s) exigência(s) do desassossego”**, da aluna **Joyce Scoralick Silvestre**, candidata ao título de Mestre em Letras: área de concentração em Estudos Literários. A Banca Examinadora constituída pelo Colegiado do Curso é formada pelos Professores:

	Nome do (a) Prof. (a)	Título e entidade onde foi obtido	Entidade a que pertence	Observação
01	André Monteiro Guimarães Dias Pires	Doutor – PUC-RJ	UFJF	Orientador e presidente da banca
02	Maria Luiza Scher Pereira	Doutora – USP	UFJF	Membro interno
03	Luiz Fernando Medeiros de Carvalho	Doutor – PUC-RJ	CES - JF	Membro externo
04	Terezinha Maria Scher Pereira	Doutora – UFRJ	UFJF	Suplente interno
05	Julio Cesar Valladão Diniz	Doutor – PUC-RJ	PUC-RJ	Suplente externo

### Resumo da Dissertação:

A dissertação analisa a produção de literatura como uma resposta aos enfrentamentos e aos afetos experimentados pelo escritor. O artista, com seu caráter essencial de encontrar-se muito presente e próximo daquilo que o cerca, será aquele que percebe e recebe as mudanças que ocorrem, em especial na modernidade, e encara o desolamento que elas provocam por sua própria essência e transporta tais desassossegos para sua produção: arte. Na modernidade o homem vê-se lançado em uma globalização sem precedentes que, entre outras coisas, o lança a uma solidão em que é preciso mudar os valores tão rapidamente quanto a época o exige. No caso específico do livro estudado, Fernando Pessoa construiu no *Livro do Desassossego* aquilo que o heterônimo a quem é atribuída sua autoria (Bernardo Soares) chama de uma espécie de biografia “sem fatos”. É através dessa biografia sem fatos que Soares se coloca como um alguém que necessita escrever para dar conta das melancolias que o assaltam, mostrando, assim, que escrever funciona como clínica de suas dores: tais dores que são bastante próprias dele, e não se confundem com as dos outros heterônimos, nos denotando mais uma característica da modernidade: a fragmentação e a busca incessante por algo que seja possível chamar sempre de “eu”.